

# BIBLIOALIMENTARIA

*Alimentação, Saúde e Sociabilidade à Mesa no  
acervo bibliográfico da Universidade de Coimbra*

Carmen Soares (Coord.)



Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

Estas peças documentais foram recolhidas no espólio de um arquivo pessoal existente no AUC. Trata-se do arquivo de João Jardim de Vilhena (1873-1966), que doou à Universidade de Coimbra grande parte da sua correspondência pessoal e, sobretudo, um conjunto considerável de manuscritos, iconografia e folhetos impressos que foi reunindo ao longo da sua vida, nos quais se inclui um interessante conjunto destes cardápios, alguns deles ainda manuscritos. A designação de ementa ou de menu é utilizada indistintamente, em pequenos folhetos ou em cartões divulgativos, encontrando-se muitos deles assinados por participantes dos encontros.<sup>101</sup> No caso da ementa de Macau, está impressa em português e também com caracteres chineses e revela uma partilha de gastronomia oriental e ocidental, ao conjugar sopa de barbatana de tubarão, ninhos de salangana e ovos de pomba, juntamente com filetes de garoupa, galinha corada com presunto, etc.

Os menus ou ementas (ou ainda cardápios) foram, nos últimos anos, objeto de estudo, no Brasil, em interessantes e inovadores trabalhos de investigação, num reconhecimento da importância deste património documental para a memória gastronómica e, também sem ser apenas numa perspetiva gastronómica, podendo ser interpretados com uma leitura crítica, quanto ao seu grafismo, banquetes ou homenagens para os quais foram elaborados, locais de reunião, etc. Podem referir-se aqui as coleções de menus que foram objeto desses estudos: a que foi reunida pelo Imperador do Brasil D. Pedro II, e que foi oferecida à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro<sup>102</sup>, ou ainda a coleção agrupada pelo poeta e jornalista Olavo Bilac e hoje localizada na Academia Brasileira de Letras, da qual foi fundador.<sup>103</sup>

101 Refira-se o trabalho de investigação que teve por objeto o estudo de menus ou ementas: Braga, Isabel Drumond (2006), *Menus em Portugal: para uma história das artes de servir à mesa*. Lisboa: Chaves Ferreira.

102 Que serviram de tema ao trabalho de Boccato, André; Lellis, Francisco (2013), *Os Banquetes do Imperador*. São Paulo: Ed. Senac.

103 Parte desta coleção é divulgada no trabalho de Garcia, Lúcia (2011), *Para uma história da belle-époque – a coleção de cardápios de Olavo Bilac*. São Paulo, Imprensa Oficial.

## Mais de um século em prol da agricultura: a *Gazeta das Aldeias*

Maria Helena da Cruz Coelho

Será uma verdade elementar afirmar que, antes de consumir, é preciso produzir. Logo, no que diz respeito à alimentação, diríamos que, antes de comer, é preciso semear, plantar, colher, se pensamos no pão, no vinho, nos legumes, nos produtos hortícolas, na fruta; criar e cuidar, se pensamos nos animais domésticos; capturar e recolher se pensamos na caça e na recolheção da cera e do mel; pescar no mar e nos rios, se pensamos no peixe; trabalhar nas marinhas, se pensamos no sal. Ao que poderíamos acrescentar todo um leque de tarefas nos moinhos, nos lagares de vinho ou azeite, na confeção e conservação dos produtos alimentares, para só nos atermos às atividades mais básicas.

Assim, porque o homem para subsistir se teve de nutrir, necessário foi que caçasse, recolhesse ou agricultasse. E, desde que aprendeu a trabalhar a terra, foi-se continuamente esforçando por colher mais e melhores frutos.

A agricultura, que surgiu no Crescente Fértil há muitos milhares de anos, em conjugação com a sedentarização das populações e a domesticação dos animais, foi porém evoluindo muito lentamente no contexto de uma longuíssima duração. Houve de facto mudanças na adaptação de diferentes sementes e plantas, nas técnicas de cultivo, nos pousios, nas rotações de culturas e preparação dos solos, nas alfaías agrícolas (mais operativas com a aplicação de peças de ferro), no aproveitamento de diversas forças motrizes, nos diferentes modos de produção, mas verdadeiramente a revolução agrícola correu a par com a revolução industrial nos séculos XVIII e XIX. A indústria modernizou a agricultura com a maquinaria agrícola, com a aplicação dos químicos, dos adubos aos pesticidas, com a melhoria dos transportes, fomentando o estímulo do mercado.

Portugal só a partir dos finais do século XIX se está a abrir a esses novos impulsos. Não se apresentou, porém, imutável a paisagem agrícola portuguesa. Nela a tradicional cerealicultura foi-se caldeando com as culturas mediterrânicas, com preponderância da vinha, para depois dos Descobrimentos incorporar a cultura do milho mais, como séculos mais tarde a do arroz e a da batata. Os movimentos de crescimento demográfico exigiram novos arroteamentos e técnicas de cultivo, da mesma forma que uma economia natural e uma agricultura de autossubsistência se foram transmutando, com o desenvolvimento da vida urbana e de uma economia monetária, numa agricultura de mercado, permeabilizada à influência do capital e de uma produção empresarial<sup>104</sup>.

Mas é verdadeiramente apenas nos finais do século XIX e por todo o seguinte que as mutações na agricultura se tornam verdadeiramente significativas<sup>105</sup>. Na segunda metade de Oitocentos viveu-se uma época de crescimento demográfico que conduziu a transformações económicas, assistindo-se ao crescimento urbano, à industrialização e igualmente ao aumento da emigração. Todavia, ainda que se verificasse uma maior concentração nas áreas urbanas, onde se implantavam justamente as indústrias, Portugal era ainda um país mais de vilas e aldeias do que de cidades e no total dos seus habitantes, em torno de cinco milhões e meio, cerca de 65% da população ativa dedicava-se ao sector primário<sup>106</sup>. O progresso económico do país foi impulsionado pelas reformas institucionais dos diversos governos e por uma política forte de investimento público nas áreas dos transportes e das comunicações, levada a efeito por Fontes Pereira de Melo.

Na indústria assinalaram-se desenvolvimentos na transformação da cortiça e das conservas de peixe, indústrias ligadas à exportação,

---

104 Um quadro alargado, temporal e regionalmente, da evolução da agricultura em Portugal, apresenta Orlando Ribeiro (1971), "Agricultura", in *Dicionário de História de Portugal*, vol. 1, Porto, Livraria Figueirinhas, pp. 60-66.

105 Maria Carlos Radich (1996), *Agronomia no Portugal Oitocentista: uma discreta desordem*, Oeiras. Celta.

106 Teresa Rodrigues Veiga (2004), "As realidade demográficas", in *Portugal e a Regeneração (1851-1900)*, coord. de Fernando Rosas e A. H. de Oliveira Marques, vol. X de *Nova História de Portugal*, dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, pp. 36-40.

e nos químicos e cimentos, em conexão com o mercado interno. No sector primário sentiu-se o impacto da abolição das estruturas herdadas do Antigo Regime, desde logo com a extinção das Ordens Religiosas e a nacionalização dos seus bens. Beneficiou também este da expansão do mercado interno, exigido pelo crescimento urbano, e mais ainda do aumento da demanda dos mercados externos, em particular o britânico e o francês e muito em especial em relação ao vinho, ainda que a crise do oídio, em 1850, e da filoxera, nos inícios de 1870, o tivesse afetado. Recolheu igualmente as vantagens da construção de uma rede de estradas e de vias ferroviárias que promoveram a distribuição interna e externa dos produtos<sup>107</sup>.

Assistimos assim ao acréscimo da área cultivada, dos arroteamentos, a transformações na organização das explorações em relação com o mercado e, embora em menor escala, também a certas inovações técnicas. Ainda que o crescimento agrícola tenha sido predominantemente extensivo, não se pode negar a influência positiva que sobre ele teve a utilização de adubos químicos e a mecanização, embora estas novidades fossem introduzidas muito lenta e irregularmente. As descobertas de Justus Liebig na década de 1840, identificando os principais elementos minerais presentes no solo responsáveis pela nutrição das plantas, determinaram que o uso de adubos passasse a ser uma prática corrente. Em Portugal os adubos modernos começaram a aplicar-se a partir de 1870 nas vinhas, mas só nos finais do século o seu uso se tornou mais frequente, tanto na vinha como nos cereais. Por sua vez a mecanização foi mais difícil e apenas nos finais da centúria teve algum impacto, em particular nas propriedades de maiores dimensões, no Alentejo e no Ribatejo. Também nas técnicas de cultivo houve melhorias, como a diminuição do pousio pela rotação campo-prado, com a introdução nos terrenos de cereais de novas plantas forrageiras e com o aumento da criação de gado, favorecendo a estrumação<sup>108</sup>.

---

107 Octávio Figueiredo (2004), João Pedro Ferro, Rui Pedro Esteves, "As pulsões económicas e financeiras", in *Portugal e a Regeneração ...*, pp. 71-74.

108 Octávio Figueiredo, João Pedro Ferro, Rui Pedro Esteves (2004), "As pulsões económicas e financeiras", in *Portugal e a Regeneração...*, pp. 74-81. Na continuidade da análise das questões da agricultura, pecuária e pescas, na transição da monarquia para a república, veja-se A. H. de Oliveira Marques e Fernanda Rollo (1991), "Agricultura, pecuária e pescas", in *Portugal da Monarquia*

Segundo Pedro Lains, cerca de 80% do valor da produção total agrícola em meados do século XIX abrangia as produções de vinhos, de cereais (milho, trigo e centeio) e os produtos animais e, entre 1851 e 1900, assinalava-se no produto agrícola uma taxa de crescimento média anual acumulada de cerca de 1,0%<sup>109</sup>.

Foi neste contexto demográfico e económico que nasceu a publicação que se apresenta.

N.º 1 Distribue-se aos Domingos 5 de julho — 1896

# GAZETA DAS ALDEIAS

POLITICA E AGRICOLA

DIRECTOR — JOSÉ TEIXEIRA SIMÕES

REDACTORES PRINCIPAES: J. SABINO E. DE SOUSA, GREGÓRIO R. FERNANDES, F. GOMES DA SILVA  
IGINIO GAGLIARDI, JOSÉ LEITE GUIMARÃES

ASSIGNATURAS	
LISBOA	
Anno.....	24000
Semestre.....	12000
Trimestre.....	6000
Mes.....	2000
PROVINCIAS	
Anno.....	28250
Semestre.....	14125
Trimestre.....	4675
ULTRAMAR E ESTRANGEIRO	
Anno.....	3000

LISBOA — ESCRITORIO: RUA DO ARCO DO LIMOEIRO, 7, 2.º

**SUMMARY**

**SECÇÃO POLITICA.** — Política à lareira. — Ales das fronteiras. — Cortes: Boletim parlamentar.

**AGRICULTURA, HORTICULTURA e Veterinaria.** — Chronica semanal. — O cardo pastoril. — Nozes soltas.

**ASSUNTOS VARIOS.** — O cholera e o terror.

**INVENÇÕES e RECEITAS.** — Vinho agrícola.

**CONSULTAS e RECOMENDAÇÕES.** — Plantação da vinha à charra. — Trilhos de ferro.

**FACTOS, INFORMAÇÕES e BOATOS:** Varios noticias.

**BIBLIOGRAPHIA.**

**REVISTA COMMERCIAL, AGRICOLA e FINANCEIRA:** Mercados e Bolsas.

**FOLHETIM.**

pelo indifferencismo de muitos, pelo desvarramento d'alguns, pela especulação de não poucos, e pelo desanimo de outros, encabece por um boletim politico a sua patriótica cruzada.

Tal é a triste e falsa ideia que em Portugal se tem ou finge ter da politica, que em vez de synthese de todos os conhecimentos humanos applicados ao governo progressivo dos povos, como ella é deveras; se tem tornado o symbolo do egoismo, da desfaçatez e baixaza de caracter, nos mimados dos seus tripudios, e o estandarte de polemicas estereis, o campo de doestos e insultos pescozes na linguagem desbragada d'uma imprensa bastardia; em parlamentos sem autoridade pela sua falta de representação; o lemma dos especuladores e da immoralidade feliz; o recurso e a profissão dos que *fazendo politica*, como é vulgar uso dizer-se, assaltam os empregos rendosos, empacham a administração com a sua ignorancia vaidosa, e malbaratam a fortuna publica com as suas leis de compadricas.

Mas nem isto é politica, nem a missão da imprensa é outra que não seja derramar torrentes de luz onde existam trevas, de ar salubre aos que vivem estiolados na escuridão; em uma palavra fazer que os povos conheçam que só pela abnegação, estudo, boa fé, e hombridade de caracter, é que se póde conquistar o bem estar e a grandeza do país, e de cada um pelo trabalho de todos.

«Dae-me boa politica e dar-vos-hei boas finanças.»

Esta expressão 'de um espirito culto e pratico, d'um ministro francez do governo de julho, passa como verdadeiro aforismo.

A boa politica gera as boas finanças; e d'estas derivam a larga instrução, a riqueza agricola, a industria desafogada, o commercio florescente, as virtudes civicas pela educação, e pelo interesse de todos os negocios publicos.

A politica é a vida social, economica, scientifica e artistica de cada nação, de cada provincia, de cada municipio, de cada aldeia, de cada familia; porque por ella, com ella e para ella, se produz, concreta e aspira todo o movimento da humanidade na sua marcha progressiva, procurando atingir as formas apropriadas a cada momento historico.

É preciso pois que as aldeias *facam politica*. A nobre politica. E para isso necessitam estar ao corrente dos actos dos poderes publicos, seus delegados directos ou indirectos, que partindo do extremo superior legislativo, executivo e judicial, lhe vão bater ás portas e tralzas á vida de relação social pelas leis que se promulgam, pela acção authoritaria que as executa, pelas sentenças que derimem as suas contendas.

É, invertendo-se este movimento, é necessario que as aldeias *facam politica*, fazendo ouvir as suas opiniões practicas, tornem conhecidas as suas misérias; e cumprindo os seus deveres, exijam a garantia e o exercicio dos seus direitos; e consigam justiça ás suas queixas.



A exposição exhibiu, de facto, num dos seus expositores, um número da *Gazeta das Aldeias*, um periódico agrícola deveras interessante, ainda que muitos outros dedicados a essa matéria tivessem sido publicados em Oitocentos. Lembremos, desde logo, que antes deste existiu um anterior, cujo número um saiu em Lisboa, a 5 de Julho de 1885, designando-se *Gazeta das Aldeias. Politica e Agricola*, cujo Director era José Teixeira Simões, periódico que sobreviveu apenas até 1887<sup>110</sup>.

Já a *Gazeta das Aldeias*, "semanario de propaganda agricola e vulgarisação e de conhecimentos uteis", que surgiu com o seu número primeiro, no Porto, no Domingo, 5 de Janeiro de 1896, teve uma longa vida. Os seus proprietários foram o Padre João Pereira Vidal e Júlio Gama e tinha como redator principal o químico analista do Laboratório Químico-Agrícola do Porto, o Dr. António Magalhães.

Nascido na agitada década de 90 da Monarquia Constitucional, em que eram candentes os problemas políticos e as questões coloniais, ainda que cáissem governos e regimes, o periódico sobreviveu até ao ano 2000, convivendo com a implantação da República, a ditadura militar imposta em 1926, o Estado Novo e o salazarismo desde 1933, a Revolução de Abril de 1974 e os tempos de Democracia a partir de então. Ao longo dessas décadas passou de semanal a quinzenal, em 1934, e depois a mensal, em 1976. Se bem que tenha mantido o mesmo nome teve, após a implantação da Democracia, primeiro o subtítulo de "Revista de Divulgação Agrícola" (1976) e depois, em 1996, reclamando o seu secular passado, anuncia-se, como "Revista Centenária do Mundo Rural"<sup>111</sup>. E durante tão duradouro trajeto esse periódico agrícola foi mesmo galardoado com diversas medalhas e distinções<sup>112</sup>.

para a República, coord. de A. H. de Oliveira Marques, vol. XI de *Nova História de Portugal*, dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, pp. 65-114.

109 Pedro Lains (1990), *A evolução da agricultura e da indústria em Portugal, 1850-1915. Uma interpretação quantitativa*, Lisboa, Banco de Portugal, pp. 9-29.

110 Existente, por exemplo, na Biblioteca Municipal de Coimbra – Maço 34.

111 Todavia, já pelo menos em 1995, ano 99.º, se designava "Revista do Mundo Rural".

112 A *Gazeta das Aldeias*, nos anos 81.º e 82.º, respectivamente de 1976 e 1977, refere que teve Medalhas de Ouro, Prata e Bronze em exposições nacionais e brasileiras (1897, 1898, 1901, 1904, 1908, 1929, 1950), sendo também louvada por portaria dos Ministros da Instrução e Agricultura.



# Gazeta das Aldeias



SEMANARIO DE PROPAGANDA AGRICOLA E VULGARISACAO DE CONHECIMENTOS UTEIS

REDACTORES PRINCIPAIS  
DR. ANTONIO MAGALHÃES  
Chimico analyza do Laboratorio Chimico-Agricola do Porto

CORRESPONDENTES  
PADRE JOÃO PEREIRA VIDAL  
JULIO GAMA

1.º ANNO      DOMINGO, 5 DE JANEIRO DE 1896      N.º 1

ASSIGNATURAS	ANUNCIOS	Cada linha de columna . . . . . 30 reis
Anno 12º ou 52 numero) em todo o reino . . . . . 24000 Sete meses (25 ou 26 numero) em todo o reino . . . . . 18000 N.º 1.—A assignatura parte de 1 de Janeiro ou 1 de Julho Não se accedem assignaturas por menos de meio anno.	Para annuncios permanentes (admittendo-se ligeiras modificações) contrato especial.—Desconto de 25 % nos assignados.	Polyg. e director do Jard. Botânico do Porto. Manoel do Carmo Rodrigues de Moraes, agronomo. Dr. Manoel Jorge Forbes Costa, medico. Visconde da Ribeira Brava, prop. agricultor. Visconde de Villarinho de S. Bomão, engenheiro civil e prop. agricultor.

### SUMMARIO:

**OS Nossos colaboradores**

A *Gazeta das Aldeias* honra-se com a collaboração de grande numero dos mais illustres e respeitads escriptores agricolas, professores, medicos, advogados e publicistas que consideraram esta iniciativa merecedora de sua valiosissima cooperacão. Abrindo este periodico com os nomes dos nossos distinctos colaboradores, sentimo-nos como que apurados por uma legião de valerosos espiritos, que nos animam e illuminam no desempenho da missão patriótica que sincera e entusiasticamente nos impoem.

Enviando-lhes a mais cordial saudação, e os protestos do nosso reconhecimento, aqui esculpimos affectuosamente os seus nomes:

Dr. Adolpho Portella, *advogado*.  
 Adolpho dos Santos Portella, *publicista*.  
 Afonso Clavos, *proprietario agricultor*.  
 Agostinho de Campos, *publicista*.  
 Albano Coutinho, *prop. agricultor*.  
 Alexandre de S. Figueiredo, *agron.*, e *director da escola de agric. praticas de Eluro*.  
 A. Moraes Carvalho, *engenh. e deputado*.

Amando de Seabra, *agronomo*.  
 A. A. Telles de Menezes, *agronomo e prof. da escola de silvicultura Alexandre de Seabra*.  
 A. M. Lopes de Carvalho, *prop. agricultor*.  
 A. M. Borges d'Arango, *prop. agricultor*.  
 D. Antonio X. Pereira Coutinho, *tenente do Instituto de Agronomia de Lisboa*.  
 Dr. Arthur Cardoso Pereira, *medico-analista*.  
 Arthur Leitão, *agronomo*.  
 Carlos do Oliveira Carvalho, *regente agricola e florestal*.  
 Gonçalo de Sandoval, *prop. agricultor*.  
 Daniel dos Santos Almeida, *medico veterinario*.  
 Diogo de Macedo, *prop. agricultor e deputado*.  
 Ezequiel de Magalhães Mesquita, *engenheiro florestal*.  
 Dr. Ernst L. Richter, *chimico da Estacão Chimico-agricola de Tharand (Saxonia)*.  
 Filipe de Figueiredo, *tenente do Inst. de Agr. e Veterinario de Lisboa*.  
 F. M. Martins d'Oliveira, *prop. agricultor*.  
 F. Palma de Vilhena, *director da Estacão Ampel. Pedagogica de Norte*.  
 Francisco Simões Margiuchi, *digno par do reino e agronomo*.  
 Georg Schweder, *engenheiro-industrial*.  
 Dr. Gil Antonio da Silva, *advogado*.  
 Guilherme Gama, *publicista*.  
 Guilherme da Silveira, *agronomo do dist. do Porto*.  
 Gonçalo Sampaio, *botânico*.  
 Henrique Mendes, *tenente do Inst. de Agr. e Veterinario de Lisboa*.  
 Dr. Hugo Mathmann, *chimico do Laboratorio Chimico-agricola de Lisboa*.  
 J. T. Menezes Pinheiro, *director da Estacão de Sericicultura de Mirandella*.  
 Padre J. Martins Coutinho, *prop. agricultor*.  
 J. Y. Paula Nogueira, *medico veterinario e tenente do Inst. Agr. e Veterinario de Lisboa*.  
 Joaquim d'Alzavado Albuquerque, *tenente da Academia Polytechnica do Porto e prop. agricultor*.  
 J. Gaudencio Rodrigues Pacheco, *engenheiro de mines*.  
 Dr. J. J. Gonçalves Coelho, *advogado*.  
 Dr. José de Magalhães, *medico*.  
 J. Taveira Carvalho Pinto de Menezes, *prop. agricultor e director dos servicos ampelographicos e enologicos do Porto*.  
 Dr. Julio Augusto Henriques, *tenente da Universidade e director do Jardim Botânico de Coimbra*.  
 Manoel Amandio Gonçalves, *tenente da Acad.*

### O PROGRAMA DA "GAZETA"

Quasi todos, senão todos os nossos leitores, conhecem o programma da *Gazeta das Aldeias*, espalhado ha apenas uns vinte dias por todo o paiz. O acolhimento que obteve a esta iniciativa excede quanto estava em nossas esperanças. De toda a parte convergiram para a empreza d'este periodico adhesões entusiasticas, saudações affectuosas, que nos animam e consolam. A energia que sentiamos, ao traçar o plano, longamente meditada, d'este periodico, é agora duplicada pela coragem que este exito nos incute.

Por muito grandes que sejam os dissabores que este empreendimento possa trazer-nos — e é bem provavel que traga — nunca elles poderão desvanecer a enorme satisfacão que nos tem causado os valiosos testemunhos de sympathia e de estima que temos recebido de innumerables pessoas, que por diversas formas nos tem coadjuvado. Devemos aos reverendos parochos uma cooperacão para nós honrissima; e a attenção com que nos distinguiram grande numero de camaras municipais é um dos incentivos mais gratos

que fora bem aceite por párocos, câmaras e outras pessoas e entidades, embora o mesmo não se detalhe, deixando porém bem clara a convicção e o voto dos seus promotores: “A *Gazeta das Aldeias* nasceu d’uma aspiração talvez ousada, mas sinceramente patriótica, mas verdadeiramente cívica. Não nos abandonem os homens de boa vontade, que amam este paiz e anseiam pelo seu resurgimento económico...”<sup>113</sup>.

O exemplar mais antigo existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e que surge nesta exposição, corresponde ao 12º ano, que se inicia com o número 576, a 13 de Janeiro de 1907 e segue até ao número 626, de 29 de Dezembro<sup>114</sup>. Logo a abrir explica-se que houve uma crise na revista, ultrapassada pelo aumento de assinaturas, aludindo-se mais genericamente à dificuldade de existência de revistas de agricultura.

O temário principal da revista é vastíssimo, abrangendo artigos sobre agricultura (continental, colonial e até comparada com a de outros países), silvicultura, fruticultura, viticultura, tecnologia rural, apicultura, avicultura e carnes, entre outros. Mas certas rubricas revestem-se de uma função eminentemente didática, como por exemplo o espaço “A Nossa Correspondência”, em que sob a forma de pergunta-resposta se colocam as mais variadas questões, que são esclarecidas com precisão pelo semanário. Já sob o título “Higiene e Medicina” se apresentam úteis recomendações práticas de saúde. Por sua vez, o item “Economia Doméstica” trata de alimentos, sua forma de conservação e confeção, incluindo muitas receitas culinárias, e diversos outros aspetos relacionados com a cozinha e a alimentação. Não deixa mesmo a revista de anunciar espetáculos e incluir folhetins para atrair os leitores e as leitoras,

Na revista escrevem agrónomos, químicos, botânicos, regentes agrícolas e florestais, professores universitários, engenheiros, médicos, advogados, proprietários, agricultores e viticultores, diretores de diversas instituições públicas, publicistas, deputados e outros, expondo os seus conhecimentos, defendendo as suas convicções, fazendo eco nos seus artigos das diversas políticas, ideologias e conhecimentos que se propalavam para a agricultura. O primeiro número arrolava desde logo o nome de muitos desses que aderiram à publicação do semanário. Pelo que se percebe ao ler o artigo “O Programma da ‘Gazeta’”, incluído nesse número, teria havido uma prévia divulgação dos seus objetivos,

113 Número existente, por exemplo, na Biblioteca Municipal de Coimbra – Maço 34.

114 A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui a revista desde o ano 12, n. 576, de 13 de Janeiro de 1907, ao ano 30, n. 1371, de 27 de Dezembro de 1925, com a cota A-16-48-2; e do ano 31, n. 1372, de 3 de Janeiro de 1926, ao ano 104 n. 3084 de Janeiro/Março de 2000, com a cota A-16-49/52. Na coleção faltam, porém, os seguintes números: 939, 1170, 1249, 1259, 1264, 1270, 1302, 1340, 1345, 1348, 1467, 1496, 1776, 1792, 1878, 2729, 2929, 3037 a 3043, 3047, 3049, 3050, 3053, 3067 a 3083. Estas informações foram gentilmente cedidas pelos Drs. Maria Luísa Machado e José Mateus, a quem agradecemos todas as amabilidades que nos dispensaram para a elaboração deste trabalho.





largura<sup>120</sup>, muito mais manuseável, também se abre às novidades e cientificidade da política agrícola de Rafael Duque, contando com artigos vários sobre a Campanha da Produção Agrícola, grémios da lavoura e a sua federação e união, melhoramento de sementes, fertilizantes, repovoamento dos montados, agricultura e comércio externo e, para além de rubricas sobre as tradicionais culturas – oliveira, vinha, favas, milho, batata –, insiste agora na cultura da soja. Apresenta igualmente uma secção designada “Informação. Estatística. Legislação” e outra intitulada “Previdência e economia nos meios rurais, tratando, por exemplo, dos seguros”<sup>121</sup>.

Entretanto, nos anos 50, começa a ser publicado pelo engenheiro agrónomo Artur Castilho o *Manual Enciclopédico do Agricultor Português* (cat. n.º 85), com o patrocínio da *Gazetas das Aldeias*<sup>122</sup>. O volume que consta do presente catálogo diz respeito aos cereais e trata exaustivamente das suas espécies<sup>123</sup>, segundo um questionário vastíssimo<sup>124</sup>, que, ainda nos nossos dias, terá utilidade em ser consultado. Existem outros do mesmo autor sobre os *Tubérculos Alimentares e Industriais*<sup>125</sup> e sobre as *Fruteiras Alimentares*<sup>126</sup> e os *Legumes Alimentares*<sup>127</sup>, bem como dois da autoria do engenheiro

120 No ano de 1934, em que passa a quinzenal, reduz também a sua altura de 30,5 cm para 26cm.

121 *Gazeta das Aldeias*, 47.º ano, n. 1982 a n. 2005.

122 *Manual Enciclopédico do Agricultor Português*, por Artur Castilho, *Agricultura*, II Parte, Grupo I, *Cereais*, Porto, Edição da Gazeta das Aldeias, [1954?].

123 Refere-se ao adlai, alpista, arroz, aveia, centeio, cevada, codrã, espelta, fundo, luco, massango, milhã, milho, painço, pé-de-galinha, sarraceno, sorgo, trigo.

124 Se bem que o inquérito possa variar um pouco consoante as espécies, tomando o do trigo como exemplo, verificamos que se tratam estes itens: nomes; filiação; descrição; variedades; meio; combinação; adubação; correção; lavoura; granjeios; métodos de cultura; colheita; produção; danos; usos; importância.

125 *Manual Enciclopédico do Agricultor Português*, por Artur Castilho, *Agricultura*, II Parte, Grupo III, *Tubérculos Alimentares e Industriais*, fasc. 1, Porto, Edição da Gazeta das Aldeias, [s. d.].

126 *Manual Enciclopédico do Agricultor Português*, por Artur Castilho, II- *Fruticultura especial*, Grupo I, *Fruteiras Alimentares*, fascs. 39-40-41-42, agosto e setembro de 1952, Porto, Edição da Gazeta das Aldeias, 1952; *Manual Enciclopédico do Agricultor Português*, por Artur Castilho, II – *Fruticultura especial*, Grupo I, *Fruteiras Alimentares*, fascs. 73-74-75-76, Porto, Edição da Gazeta das Aldeias, 1954.

127 *Manual Enciclopédico do Agricultor Português*, por Artur Castilho, *Agricultura*, II Parte, Grupo II, *Legumes Alimentares*, fascs. 1-2, Porto, Edição da Gazeta das Aldeias, s.d..

agrónomo J. Duarte Amaral, sobre *Os Citrinos*<sup>128</sup> e *As Pomoideas*<sup>129</sup> (macieira e pereira).

Depois da revolução de Abril os periodistas convivem e fazem eco da reforma agrária, com a ocupação das terras dos proprietários absentistas e depois das suas expropriações e a criação de cooperativas de produção agrícola até aos efeitos da entrada de Portugal na CEE, em 1986<sup>130</sup>, e o impacto da Política Agrícola Comum da União Europeia<sup>131</sup>, que genericamente condiciona os destinos da agricultura portuguesa e da sua produção alimentar até aos dias de hoje.

Numa consulta dos anos 81 e 82 da revista, já então mensal, respeitantes a 1976 e 1977<sup>132</sup>, deparamos com artigos referentes à reforma agrária, ao relatório do Comité da Agricultura da O.C.D.E., ao plano do Alqueva, à adesão ao Mercado Comum, à explanação de “O que é a C.E.E.”, à produtividade das empresas agrícolas, entre muitos outros, demonstrando as novas preocupações agrárias depois da revolução e o alargamento do mercado a espaços muito mais amplos e sujeitos a diversas políticas europeístas e mundiais. Curiosamente, em 1976, a revista lança um inquérito designado “Como acha a nossa Revista”, devendo os leitores pronunciar-se sobre a sua apresentação e os assuntos nela tratados, numa salutar preocupação com a melhoria da sua qualidade e com o intuito de ir ao encontro dos interesses dos seus leitores. Já depois da adesão de Portugal à CEE, por exemplo em 1992, o periódico contém artigos sobre o FMI, a reforma da

128 *Manual Enciclopédico do Agricultor Português*, III Parte, II, *Fruticultura especial*. Grupo I. *Fruteiras alimentares* (3.º volume), *Os Citrinos*, fascs. 1-2, janeiro de 1957, Porto, Edição da Gazeta das Aldeias, 1957.

129 *Manual Enciclopédico do Agricultor Português*, III Parte, II, *Fruticultura especial*. Grupo I. *Fruteiras alimentares* (4.º volume), *As Pomoideas*, fascs. 1-2, outubro de 1958, Porto, Edição da Gazeta das Aldeias, 1958.

130 Consulte-se a síntese da reforma agrária na geografia da revolução de Abril de José Medeiros Ferreira (1994), *Portugal em transe (1974-1985)*, vol. 8 de *História de Portugal*, dir. de José Mattoso, Lisboa, Editorial Estampa, pp. 121-137.

131 Uma análise crítica desta política encontra-se na obra de Boaventura de Sousa Santos (1994), *Pela mão de Alice: o social e político na pós-modernidade*, Porto, Edições Afrontamento.

132 *Gazeta das Aldeias*, ano 81.º (1976), ns. 2798-2809; ano 82.º (1977), n. 2810-2821.

PAC, a agricultura portuguesa e a CEE, a sociologia agrária ou a agricultura na TV, mostrando-se em contínua atualização<sup>133</sup>.

O último número que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui da *Gazeta das Aldeias* diz respeito ao ano de 2000<sup>134</sup> e nele surgem notícias sobre a Ovibeja, o termo da época de caça em fevereiro, a seca desse ano, o programa de ajudas à agricultura familiar, as leis das abelhas, o crescimento do mercado português de agroquímicos, a qualidade do azeite, a PAC, um colóquio-demonstração na Universidade de Évora, entre outras, e artigos mais informativos sobre as zonas vulneráveis e as boas práticas agrícolas, uma experiência vivida no Alentejo (herbicidas), a cultura do tomateiro, as bananas e as bananeiras, a bolbicultura no século XXI e ainda o problema das moscas em explorações de vacas leiteiras.

Um periódico como a *Gazeta das Aldeias*, que dura mais de um século, é um monumento, é uma memória escrita perene do passado de um país, a desafiar os historiadores ao seu estudo profundo, iluminando as múltiplas vertentes da agricultura e da produção alimentar, as quais em si mesmas são reflexo e se projetam na política, na economia, na sociedade e nas ideologias de uma Nação e de um Estado.

## A lei da mesa. As praxes da etiqueta e as boas maneiras na sociedade de bom-tom: algumas fontes para o seu estudo (século XIX-princípios do século XX)

Irene Vaquinhas

“[...] O comportamento ideal à mesa consiste em comer... como se não se estivesse a comer – entre os alimentos e as mãos há sempre a distância de um utensillio intermediário (excepto no caso do pão que se parte com a mão); dedos e boca manter-se-ão impecavelmente limpos e o guardanapo remediará qualquer pequena falha neste sentido; fazer barulho a mastigar ou a engolir, arrotar ou falar com a boca cheia são actos repugnantes e completamente inadmissíveis” (Santos, 1983: 45).

Os preceitos enunciados foram retirados de manuais de civilidade editados em Portugal, no último quartel do século XIX e inícios do século XX, correspondendo a traduções de manuais franceses ou a cópias atualizadas de anteriores edições portuguesas. Género literário de cunho pedagógico e moral, este tipo de manual tinha como principais destinatários jovens em idade escolar que frequentavam estabelecimentos de ensino. É o caso, entre outros que se poderiam referir, do Real Colégio Ursulino das Chagas de Cristo, de Coimbra, reservado a meninas das elites, cuja aprendizagem, em termos de civilidade, se norteava pelos ensinamentos prestados por Monsenhor Prevost nos seus *Elementos de Civilidade e da decencia que se practica entre gente de bem* (cat. n.º 93), obra publicada em 1788, na qual reservava um capítulo ao “que

133 *Gazeta das Aldeias*, ano 97º (1992), ns. 2990-3001.

134 *Gazeta das Aldeias. Revista Centenária do Mundo Rural*, ano 104, n. 3084, janeiro, fevereiro, março 2000.